



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

Setor Litoral

VALQUIRIA MADUREIRA VISCAINO

**O CAMINHO DA TUTORIA NA ESCOLA CAMPOS SALLES, EM  
HELIÓPOLIS: INOVAÇÃO SEM MUROS, AUTONOMIA,  
RESPONSABILIDADE E SOLIDARIEDADE**

Matinhos  
2019

VALQUIRIA MADUREIRA VISCAINO

**O CAMINHO DA TUTORIA NA ESCOLA CAMPOS SALLES, EM  
HELIÓPOLIS: INOVAÇÃO SEM MUROS, AUTONOMIA,  
RESPONSABILIDADE E SOLIDARIEDADE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientador Prof. Dr. Ricardo Rodrigues Monteiro

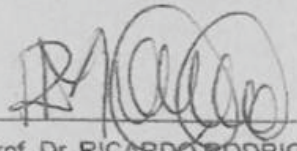
Matinhos 2019

## TERMO DE APROVAÇÃO

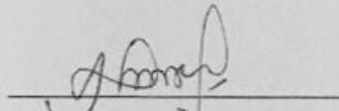
VALQUIRIA MADUREIRA VISCAINO

### O CAMINHO DA TUTORIA NA ESCOLA CAMPOS SALLES, EM HELIÓPOLIS: INOVAÇÃO SEM MUROS, AUTONOMIA, RESPONSABILIDADE E SOLIDARIEDADE

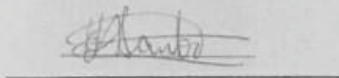
Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas para uma Nova Educação, Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em ALTERNATIVAS PARA UMA NOVA EDUCAÇÃO.



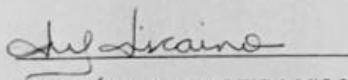
Prof. Dr. RICARDO RODRIGUES MONTEIRO  
Orientador / UFPR Setor Litoral



PROF. Dra. LENIR MARISTELA SILVA



PROF. Esp. HÉLIA ALICE DOS SANTOS



VALQUÍRIA MADUREIRA VISCAINO

Matinhos, 06 de dezembro de 2019

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas envolvidas com a Educação Inovadora e com o Bem Comum.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecer é fazer a Graça descer e quando somos agraciados por seres humanos despretensiosos da sua titulação, dos seus bens materiais, despojados do seu passado, deslumbrados com o seu presente e livres do seu futuro, seremos eternos encontros e tornamo-nos uno na multiplicidade. Estes seres humanos que encontrei e me encontraram nas diversas facetas da minha vida, carrego comigo como aprendizados. Gratidão eterna a cada encontro.

Agradeço a minha filha Annie que dedicou seu tempo na leitura deste texto, ajudou-me a organizar trechos, fazer o abstract e todos os outros momentos de sua existência em compartilharmos os nossos crescimentos.

Agradeço ao professor Ricardo Rodrigues Monteiro por toda dedicação, compreensão e doação do seu tempo em acompanhar a construção destes escritos, em desconstruir em mim estes registros, me conduzir a momentos de meditação, conscientização e centralização na presença do meu ser. Gratidão Eterna.

Agradeço a professora Hélia Alice dos Santos pelo exemplo na construção de uma comunidade consciente nos aspectos comunitário, ambiental e educacional. “Nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos”.

Agradeço ao professor Celso de Vasconcelos que contribui com indicações de leitura, ampliação de novos projetos educacionais e pela participação na ANE (Alternativas para uma Nova Educação).

Agradeço a amiga Mare Garcia pelo carinho na leitura deste memorial e “pelos cafés” que torna nossas tardes de finais de semana tão especiais.

## Resumo

A formação profissional nos conduz ao desejo de encontrar na escola sujeitos preparados para a escolarização. No entanto, encontrei eu mesma e os alunos destituídos de lares convencionais: estrutura familiar, excluídos socialmente, violentos e agressivos. Um pouco da minha história. Sabemos que a utilização de uma única metodologia não pode tornar-se padrão de ensino/aprendizagem. A pesquisa apresentada para o curso de pós-graduação em Alternativas para uma Nova Educação (ANE) e os registros aqui expostos tendem a romper com esta padronização e a mudança se deu a partir de problemas de ordem social. A interdisciplinaridade, nos aspectos da significação e contextualização dos saberes (PCN, Parâmetros Curriculares, 1997) aparece como ponto de partida para a criação da função social da escola. Entretanto, a educação inovadora traz reflexão a respeito das ações metodológicas e esta pesquisa apresenta os caminhos da equipe pedagógica em traçar novos paradigmas - a implantação da tutoria. Ao assumir a direção da Emef (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Presidente Campos Salles, localizada no bairro de Heliópolis, na cidade de São Paulo, numa região de vulnerabilidade social (tráfico de drogas e diversos tipos de violência), em 1995, Braz Rodrigues Nogueira enfrentou várias situações desafiadoras... Um acidente fatal ocorrido em 1999, com uma estudante, introduziu a cultura pela paz integrando escola e comunidade e criou a Caminhada pela Paz. Abrindo as portas da escola para a comunidade, o diretor Braz fez concretizar suas duas ideias: “tudo passa pela educação” e “a escola realiza bem o seu papel quando toda a comunidade for educadora”. Com a convicção de que a escola não pode ter barreiras com a comunidade, a derrubada dos muros que cercavam a escola foi a primeira barreira superada. A seguir, quebraram as paredes que dividiam as salas de aula criando grandes salões. A mudança arquitetônica não foi garantia de inovação, foi o ponto de partida para colocar os professores no trabalho coletivo e os estudantes em grupos aprendendo uns com os outros. Isso gerou a ruptura da verticalização das relações. Vários são os dispositivos pedagógicos introduzidos a fim de transformar as crianças em parceiros ativos da sua própria aprendizagem e capacitá-las para assumir responsabilidades sendo colaborativas.

Palavras chave: Escola Pública, Comunidade Educadora, Cultura da Paz, Tutoria.

## ABSTRACT

Professional qualification leads us to the desire to find in the school individuals prepared for schooling. However, I found myself and students deprived of conventional homes: family structure, socially excluded, violent and aggressive. A little bit of my story. We know that the use of a single methodology cannot become teaching / learning standard. The research presented for the postgraduate course in Alternatives for a New Education (ANE) and the records exposed here tend to break with this standardization and the change was due to social problems. Interdisciplinarity, in the aspects of the meaning and contextualization of knowledge (PCN, Curriculum Parameters, 1997) appears as a starting point for the creation of the social function of the school. Nevertheless, innovative education brings reflection on methodological actions and this research presents the pedagogical team's ways of drawing new paradigms - the implementation of tutoring. When he assumed the position of principal of Emef (Municipal Elementary School) Presidente Campos Salles, located in the Heliópolis neighborhood, in the city of São Paulo, in a region of social vulnerability (illegal drug trade and various types of violence), in 1995, Braz Rodrigues Nogueira faced several challenging situations... A fatal accident that occurred in 1999, with a student, introduced the culture for peace by integrating school and community and created the Walk for Peace. Opening the school's doors to the community, principal Braz made his two ideas happen: "everything passes through education" and "the school performs its role well when the whole community is an educator". With the conviction that the school cannot have barriers with the community, the tearing down of the walls that surrounded the school was the first barrier overcome. Then they removed the walls that divided the classrooms, creating large halls. Architectural change was not a guarantee of innovation, it was the starting point for putting teachers in collective work and students in groups learning from each other. This generated a rupture in the verticalization of relations. There are several pedagogical devices introduced in order to transform children into active partners in their own learning and enable them to assume responsibilities by being collaborative.

KEY WORDS: Public School, Educating Community, Culture of Peace, Tutoring.

## Sumário

<b>RESUMO</b> .....	6
<b>ABSTRACT</b> .....	7
<b>1.0 INTRODUÇÃO</b> .....	9
1.1 NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA .....	10
1.2 O QUE E COMO MUDOU – A TRANSFORMAÇÃO.....	13
1.3 SEGUIMOS ACEITANDO .....	14
1.4 MEUS CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO INOVADORA .....	15
1.5 COMO EU CONHECI O BRAZ RODRIGUES NOGUEIRA – A ESTRUTURAÇÃO .....	16
1.6 BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE HELIÓPOLIS.....	17
1.6.1 BREVE HISTÓRICO DA EMEF PRESIDENTE CAMPOS SALLES.....	18
1.6.2 PROFESSOR BRAZ RODRIGUES NOGUEIRA E A ESCOLA DA PONTE .....	19
1.6.3 O NASCIMENTO DA CAMINHADA PELA PAZ.....	22
1.6.4 A QUEBRA DOS MUROS E PAREDES, UMA NOVA EDUCAÇÃO PARA ALUNOS AUTÔNOMOS, RESPONSÁVEIS E SOLIDÁRIOS .....	22
1.6.5 A ESCOLA DA PONTE DE PORTUGAL COMO REFERÊNCIA .....	23
1.7 RETORNANDO A AUTOBIOGRAFIA – MEU TRAJETO .....	24
1.7.1 NA EMEF PRESIDENTE CAMPOS SALLES .....	25
1.7.2 AS RELAÇÕES NA EMEF PRESIDENTE CAMPOS SALLES .....	25
1.8 AS POLÍTICAS PÚBLICAS .....	26
1.9 OS DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS DA EMEF PRESIDENTE CAMPOS SALLES PARA A INOVAÇÃO EDUCACIONAL CRIANDO A CULTURA DA PAZ: .....	27
1.9.1 AS ASSEMBLEIAS DE ESTUDANTES.....	27
1.9.2 ROTEIROS DE ESTUDOS.....	28
1.9.3 COMISSÃO MEDIADORA DE ESTUDANTES .....	29
1.9.4 OS EQUIPAMENTOS DO CEU (CENTRO EDUCACIONAL UNIFICADO) HELIÓPOLIS ARLETE PERSOLI.....	30
1.9.5 MOMENTOS COM ESPECIALISTAS .....	31
1.9.6 OFICINAS PEDAGÓGICAS.....	32
1.9.7 AS RODAS .....	33
1.9.8 MEDITAÇÃO.....	34
<b>2.0 OS PRINCÍPIOS: TUDO PASSA PELA EDUCAÇÃO E A ESCOLA COMO CENTRO DE LIDERANÇA (GARANTIA DE DIREITOS DAS PESSOAS)</b> .....	34
2.1 PARCERIA COM A TELEFÔNICA VIVO E O NASCIMENTO DE UMA NOVA PROPOSTA .....	35
<b>3.0 CAMINHANDO PARA A IMPLANTAÇÃO DA TUTORIA</b> .....	36
3.1 O QUE CHAMAMOS DE INOVAÇÃO.....	37
3.1.1 A VISITA DE FÁTIMA PACHECO NA CAMPOS SALLES .....	38
3.1.2 ENCONTRO ANE PAULISTA, 2018.....	39
3.1.3 PINHEIRA - PRO-CREP.....	40
<b>4.0 A IMPLANTAÇÃO DA TUTORIA NA EMEF PRESIDENTE CAMPOS SALLES, CAMINHOS E PERCEPÇÕES QUE IMPULSIONAM A MUDANÇA</b> .....	42
4.1 MEU TRABALHO NA EMEF PRESIDENTE CAMPOS SALLES EM 2019 PAP- PROFESSORA DE APOIO PEDAGÓGICO.....	44
<b>5.0 CONCLUSÃO</b> .....	46
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49



## 1.0 INTRODUÇÃO

“Aula não ensina, prova não avalia”  
(Jose Pacheco, 2015)

A interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade e a tutoria como caminhos para a função social na escola pública e a criação da comunidade educadora, nos faz acreditar na educação que liberta (Freire, 1987). Esta pesquisa foi elaborada a partir de leituras sobre o tema, pesquisa de campo e fundamentalmente sobre o entusiasmo com a educação que conduziu aos estudos no curso de pós-graduação para Alternativas para uma Nova Educação (ANE). Minha inquietação sobre a prática, a necessidade de constante transformação profissional, as diversas tentativas e erros cometidos em sala de aula, os encontros e encantamentos com os caminhos que levaram o professor Braz Rodrigues Nogueira, relatos e divulgação dos percursos na implementação dos princípios da metodologia da escola da ponte na comunidade de Heliópolis são aspectos relevantes da minha transformação como educadora. A entrevista realizada com o diretor da Emef (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Presidente Campos Salles, Braz Rodrigues Nogueira, em 2015, que atuava como dirigente regional de ensino da Diretoria Regional do Ipiranga, São Paulo, relatada nesta pesquisa e também sua constituição profissional mostrará estratégias e percursos de luta e resistência às vicissitudes que levam as pessoas a transpor obstáculos enfrentando as intempéries.

Inserida numa região de vulnerabilidade social, a escola refletia o caos da comunidade. Por volta de 2004, os educadores trouxeram a proposta de adoção de um modelo de ensino inspirado na Escola da Ponte de Portugal, colocando as relações: ensino/aprendizagem, professor/aluno, comunidade/escola, professor/professor, aluno/aluno no centro do processo desta mudança. A sustentação da Escola Presidente Campos Salles tem os princípios da democracia, da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade, a escola como centro de liderança e tudo passa pela educação (Emef Pres. Campos Salles, 2013, § 9).

Com esta complexidade, reduzir a função da escola e do professor em dar aulas e aplicar provas não prioriza a questão social, tampouco as relações entre os pares e também não é garantia de conhecimento.

Assim sendo, o processo de inovação da escola sem muros, criando a cultura da paz a partir da integração escola e comunidade também foi a introdução de diversos dispositivos pedagógicos como caminhos para a comunidade educadora e libertária (Freire, 1987).

### 1.1 NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA

“Antes que a Alma possa compreender e recordar-se, deve estar unida ao Falante silencioso, como a forma a ser tomada pela argila e primeiro unida à mente do ceramista”

Helena P. Blavatsky

Seria pré-conceito da minha parte iniciar uma autobiografia colocando meu pai como alcoólatra e minha mãe como submissa. Como citado acima por Helena Blavatsky, o vaso do ceramista surge primeiro em sua mente para depois tomar forma e vir a ser. Meu pai foi um homem dedicado aos filhos, a família e ao trabalho da maneira que ele conseguiu se experienciar, mediado por sua doença e por ser um dos onze filhos de um pastor da igreja Congregação Cristã do Brasil e minha vó, uma dona de casa. Unida a ele, minha mãe estava tentando uma vida após ser expulsa de casa pelo meu avô paterno, pois estava grávida de um misterioso homem (temos nossas confabulações e criações mentais sobre quem ele era, o pai da minha irmã mais velha).

Encontrou meu pai com quem achou que pudesse construir uma vida destruída por um prazer e um gozo “momentâneo”. Teve mais cinco filhos, dos quais eu sou a terceira (quarta filha contando com minha irmã - filha de outro homem). Brigas, choros e muita tristeza vivenciada em minha infância e adolescência. Observava tudo muito calada e a mercê dos abusos sofridos nesta época. Minha referência era esta mulher cansada que pedia pra morrer quando apanhava do marido, não tinha o que comer e dar aos filhos. Até que tudo mudou. Minha mãe se levantou, ouviu a voz interna.

Esta Terra, ó ignorante Discípulo, nada mais é que a lúgubre entrada ao crepúsculo que precede o vale da verdadeira Luz - aquela luz que nenhum vento pode extinguir, aquela luz que arde sem pavio, nem combustível.

Helena P. Blavatsky

Ao sair do seu casulo, minha mãe tornou-se uma outra mulher, retomou o que fazia antes, retomou sua vida e saiu em busca da dignidade. Grandes Mulheres que vencem o medo e aquilo da qual foi determinada por esta sociedade machista. A luz, apresentada por Blavatsky, não se extinguiu. Esta mãe depositou nos filhos o livre arbítrio. Dizia que se queríamos uma vida diferente da que vivia, tínhamos que lutar, correr atrás de ser alguém, encontrar um homem melhor, falava para as filhas. Para os filhos, dizia que respeitassem as filhas dos outros.

A situação em casa era difícil, sem pagar as contas, cortavam a água, a luz. O que havia de plantação no quintal muitas vezes virava uma sopa. Na escola, era tudo muito determinado pelos professores. Aprendi a juntar letras e formar as primeiras palavras em casa, com minhas irmãs. Lembro que era muito difícil ler: O rato roeu a roupa do rei de Roma. (estava na cartilha Caminho Suave). Sofria bullying porque era da turma que precisava das doações do Estado, este kit material escolar que as prefeituras oferecem hoje, usava o uniforme que fora usado pelos meus irmãos mais velhos, fazia as necessidades na calça e seguia para casa com a turma chamando-me de “cagona, mijona”, vivia careca porque pegava piolhos. Na sexta série do antigo ginásio, (hoje sétimo ano do ensino fundamental II) não consegui média na matéria de Educação Moral e Cívica e fui reprovada.

Minha mãe, já havia tomado as rédeas da casa, disse que se não trabalhasse, não teria mais os meus lápis e cadernos. Então, aquela que seria minha futura cunhada, apresentou-me a um dentista e acabei virando sua secretária após a escola, das 17h e ficava até o último paciente. Assim, fiquei até o colegial. A escolha de uma futura profissão foi a escolha da minha mãe. Ela dizia que se fizesse magistério, sairia com uma profissão, que este era seu sonho: ter uma filha professora, dizia que ela também queria ser professora.

Minha mãe sofrera muito na vida e no afã de proporcionar a ela um pouco de satisfação, fui para a docência.

Alguns diziam que era a "fuga das exatas", outros diziam que era a profissão das mulheres.

E, eu permanecia inerte, fazendo o que deveria ser feito...

Não era minha escolha. Falar de antigas professoras era um martírio. Não tenho gravado na memória a professora que me inspirou, que me agradou. Eram todas muito profissionais: davam aulas, ensinavam e quem não aprendesse, era problema dele (a). Tinha uma família muito unida na dor e a dor ensina a ser forte com os maus tratos da escola. Minhas irmãs e, depois, meus sobrinhos, me ensinaram a ter amor às crianças e fazer diferente daquilo que recebi. Não muito... lembro que no meu primeiro ano de docência passei o ano letivo sem rir, não sorria por nada. Até que um dia, um primo que era meu aluno e frequentava a minha casa, fez uma brincadeira e eu ri. Ele gritou para a sala toda: "A professora riu."

Que vergonha, passei o ano "carrancuda". Na minha cabeça, rir era sinônimo de permissividade e desrespeito do outro. No segundo ano de docência, também em escola particular, tinha uma aluna que era muito lenta na escrita e todos os dias precisava escrever o cabeçalho no caderno. Dificilmente terminava, as tarefas da lousa, ficava sempre faltando partes do cabeçalho. Até que um dia, fui chamada na sala da coordenadora que exigiu que eu fizesse essa aluna fazer o cabeçalho, eu não podia fazer por ela. Decidi ficar com ela na sala durante o recreio, isso eu não podia fazer, ela precisa comer e brincar. Falei pra ela observar os colegas, se ela queria ajuda... nada. Fui demitida desta escola. Fiquei arrasada.

Eu havia feito cursinho Objetivo e estava cursando Psicologia na Universidade de Mogi das Cruzes, também estava namorando com meu futuro marido. Um professor desta escola que também lecionava Educação Física em escola pública estadual, indicou sua escola. A professora do primeiro ano estava licenciada e eu poderia assumir as aulas. Quanta diferença... encontrei meus

iguais: pobres, famintos, piolhentos, maltratados. Foram poucos meses. Ofereci a eles todos os meus tesouros, minha alegria, muitas brincadeiras, mas tinha os resquícios da escola particular: ensinar e reproduzir, escrever, ler, calcular sem coerência com a vida deles. Aqueles que não sabiam, iriam tentar no próximo ano porque as provas determinavam e julgavam suas condições de aprendizagem. Eram pelo menos oito por sala que “podia reprovar”. Assim, o “Poder da Profissão” era garantido e a responsabilidade em aprender era do aluno e da família. Ameaçávamos, julgávamos e condenávamos os diferentes, os (as) destituídos (as) da cultura letrada, os (as) pobres e maltratados (as) pela vida, os (as) abusados (as) submetidos (as) aos abusadores (as). Como disse Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido*, 1987: “Quando a educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor.”

## 1.2 O QUE E COMO MUDOU – A TRANSFORMAÇÃO

*“... a riesgo de parecer ridículo, que el verdadero revolucionario es animado por fuertes sentimientos de amor. Es imposible pensar un revolucionario auténtico sin esta calidad.”*  
Ernesto Guevara, 1967

Demorei para entender a conexão entre revolução e amor. Paulo Freire conta na “*Pedagogia da Esperança – Um Reencontro com a Pedagogia do Oprimido*” fatos de seu exílio. Ele cita o trecho de uma carta de Guevara a Carlos Guijano. Momento atualizado da efervescência latino-americana...

Estávamos terminando o ano de 1989 quando a diretora da escola onde trabalhava, após o último conselho de classe, solicitou (exigiu) a todos (as) professores (as) que refizessem os diários de classe aprovando todos (as) os (as) estudantes. Acharam aquilo um absurdo. Um ano atrás, um dos alunos havia sido aprovado no vestibular em uma universidade, todos (as) os (as) professores (as) foram convocados pela diretoria de ensino para reavaliar as notas deste aluno pois, ele estava reprovado em matemática e o professor não quis promovê-lo. Aprovamos o estudante pelo conselho de escola. Percebi, naquele momento que alguma coisa estava acontecendo e lembrava da minha própria reprovação no ginásio. Nunca mais reprovei nenhum estudante. A compreensão dos tempos, espaços, ajustes, adequações e principalmente o respeito e o amor estariam brotando em meio a tantas mudanças. Os pais reclamavam, os (as)

estudantes deixaram de ser cobrados pelos estudos, os (as) professores (as) foram perdendo “poder de dominação”. O que se ouvia era: pra que eu vou perder meu tempo ensinando e planejando aulas e provas se os (as) alunos (as) serão promovidos (as) ao final do ano? Em contrapartida, os (as) alunos (as) sabiam que a promoção passou a ser automática, pra que estudar? Um caos...

### 1.3 SEGUIMOS ACEITANDO

“Eu vinha educando a minha esperança enquanto procurava a razão mais profunda da minha dor.”  
Paulo Freire, 1997

Li a Psicogênese da Língua Escrita (Emília Ferrero), A Teoria da Aprendizagem de Vygotsky, Piaget, Wallon, Paulo Freire e tantos outros que tive que engolir “goela abaixo” (quando o leitor é obrigado a ler, isto foi assim durante boa parte da minha formação, nada é satisfatório e prazeroso). Aos poucos fui entendendo que eu fui forçada a fazer coisas das quais nunca me perguntaram ou me conquistaram para fazer. Tudo sempre foi por obrigação e exigido de fora. Dentro de mim era a pura aceitação do que me era imposto. Até que, estourou uma greve que me moveu, “me rasgou a alma”. Estávamos trabalhando em escolas da Secretaria Estadual de Educação de SP (SEE - SP) e fomos percebendo que conquistas, ganhos de planos de carreira estavam sendo retirados da categoria.

Ficar sentado (a) esperando a destruição, não poderíamos, fizemos mais de três meses de greve. Assisti colegas com dificuldades financeiras, problemas para pagamento de aluguel... Saímos arrecadando fundos para estes provimentos, vi uma união de categoria que jamais havia presenciado. Me fortaleci, reconheci minha categoria profissional. Porém, esta greve nos desgastou, muitos professores e a própria gestão prometiam que jamais fariam isso novamente... entregamos os pontos. Em contrapartida, eu observava a força, união e garra dos professores da secretaria municipal de ensino, unidos, lutadores, guerreiros. Eu jogava para o universo que um dia, estaria fazendo parte desta equipe.

#### 1.4 MEUS CAMINHOS PARA A EDUCAÇÃO INOVADORA

Quatro anos antes de estar aposentada da SEE – SP, fui prestar a FUVEST, mais uma vez (havia tentado entrar na USP mas era um sonho impossível). Entrei na USP!!! Cursei Ética, Valores e Cidadania como curso de especialização. Minha filha cursava Letras na Universidade Federal de SP e ela ria de mim (sou Federal). Este curso me conduziu a uma série de apresentações em Congressos Internacionais.

Em 2014, na University of the Bio-Bio Concepcion, Chile no PAN-PBL (Problem Based Learning) apresentar o tema: Projeto de Vida e a Expectativa do Aluno em Relação a Vida Escolar. Em 2015 participei de congressos sediados no Brasil, em São Paulo, PAN-PBL cujo tema foi: A Interdisciplinaridade na Escola Pública: O Caminho para Concretizar a Função Social da Escola: Criação de uma Comunidade Educadora (o artigo foi publicado nos Anais deste congresso) e da AME (Association for Moral Education) fui convidada a apresentar o mesmo tema do PAN-PBL de 2014, em Santos, SP.

Em 2016, em Harvard, Cambridge, Massachusetts, EUA, o tema foi Interdisciplinarity in the Public School: The Social Function (Interdisciplinaridade na Escola Pública: A Função Social).

E em 2018, na Santa Clara University, Califórnia, EUA, cujo tema foi Escola sem Muros, uma Educação Inovadora Sustentada pela Cultura da Paz (artigo publicado nos Anais deste congresso). O tema do primeiro e do terceiro congressos foi realizado na escola estadual onde trabalhava. Por algumas questões de ordem pessoal, fui impedida pela direção da escola de manter a pesquisa e resolvi mudar o foco. Em outra escola, conheci o professor Thiago Gerosa, que é professor da escola, ele me dizia que eu precisava conhecer a EMEF Presidente Campos Salles, que eu tinha o perfil desta escola e que iria me dar muito bem lá.

## 1.5 COMO EU CONHECI O BRAZ RODRIGUES NOGUEIRA – A ESTRUTURAÇÃO

Solicitei com protocolo na DRE (Diretoria Regional de Ensino) – Ipiranga uma audiência com o dirigente regional Braz Rodrigues Nogueira. Com data e horário da audiência, fui chamada ao gabinete. Estava muito nervosa, não conhecia a Campos Salles, nem ninguém e muito menos o projeto. Apenas iria solicitar para o dirigente que oportunizasse a continuidade das minhas pesquisas e as apresentações em Congressos Internacionais porque eu era um membro ativo e precisava apresentar algum assunto relacionado à educação do Brasil. Esta era a minha intenção.

Qual não foi a minha surpresa quando o dirigente perguntou pra mim o que eu estava fazendo na diretoria. “Se a pesquisa era sobre a escola, que eu fosse à escola. A escola é aberta a todos. É lá o seu lugar.” Estas foram as suas palavras e eu fiquei impressionada. Disse a ele que iria até lá, se tinha que levar algum papel... ele começou a falar TUDO. Da sua vida na infância a chegada na Diretoria de Ensino – Ipiranga. E eu “babava” e me identificava. Fui anotando tudo de uma forma que pudesse me lembrar de cada detalhe. Voltei para a escola e falei aos estudantes que eles precisavam conhecer uma pessoa muito importante e iniciamos a escrita da Biografia do Braz Rodrigues Nogueira.

Do jeito deles, com desenhos e escritas de momentos marcantes, fizemos o livro. Depois, convidei o Braz para fazer uma visita na escola. Como eram escolas de diferentes setores públicos: Estado e Prefeitura, fizemos um ofício. Com a apresentação de músicas, danças e com uso de instrumentos musicais produzidos pelos estudantes, abrimos o evento. O Braz teve uma conversa muito próxima dos estudantes, falou dos princípios: Tudo Passa pela Educação, A Escola como Centro de Liderança e Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade. Ele também falou com a gestão da escola e com os professores, apresentou o projeto da Campos Salles.

Decidimos que trabalharíamos na minha sala de aula o mesmo projeto, com roteiros de estudos, em grupos, sem provas mensais, apenas as que viessem da secretaria estadual de educação. Isso gerou certo desconforto, fui



questionada pela supervisora de ensino, pelos pais dos estudantes, pelos próprios colegas professores. Tentei expor estes princípios e a inovação e não consegui. Durante dois anos fui pressionada a dar aula, utilizar o método tradicional de prova, alunos enfileirados, fila na entrada e na saída dos estudantes e a aplicar as provas. Não voltei a ser a professora tradicional de métodos tradicionais.

E tudo que o Braz contou-me naquele dia virou um artigo que foi publicado nos Anais do congresso Internacional PAN-PBL 2015. Farei abaixo, um pequeno relato dessa história mais abaixo. É bom conhecer a história de Heliópolis, e como aconteceu a integração escola e comunidade.

## 1.6 BREVE HISTÓRICO DA COMUNIDADE DE HELIÓPOLIS

Podemos afirmar que a comunidade de Heliópolis teve uma ocupação desordenada. Iniciou-se com a construção do maior hospital da América Latina em 1969, com os trabalhadores da obra. Em 1971-72, a prefeitura desocupou a favela de Vila Prudente para construção de vias públicas, as famílias foram ocupar alojamentos provisórios no terreno do IAPAS (Instituto de Administração financeira de Previdência Social) que havia adquirido a gleba do IAPI (Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários). Também da disputa de grileiros que pretendiam impedir a ocupação para comercializar uma terra que não lhes pertencia.

As lutas contra a polícia e a mobilização dos moradores fez surgir lideranças em defesa da posse da terra e para a aquisição de infraestrutura. Heliópolis está localizada a Sudeste, na região do Ipiranga, possui 1 milhão de quilômetros quadrados, está a 8 Km do centro da cidade de São Paulo. Conta com mais de 150.000 habitantes. A maioria de origem nordestina, segundo dados estatísticos da Prefeitura de São Paulo, CEU Heliópolis Arlete Persoli, 2015. A escola municipal de ensino fundamental Presidente Campos Salles foi construída para atender esta demanda.

### 1.6.1 BREVE HISTÓRICO DA EMEF PRESIDENTE CAMPOS SALLES

Esta escola situa-se no bairro de São João Clímaco à Rua Cavalheiro Frontini, nº 87, atende mais de 95% dos moradores da comunidade de Heliópolis. Funciona em três períodos, manhã, tarde e noite, no segmento do Ensino Fundamental (1º a 9º ano e EJA – Educação de Jovens e Adultos). Pertence à DRE - Diretoria Regional do Ipiranga, da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo. Foi inaugurada em 27/02/1957 e começou a funcionar em 21 de março do mesmo ano num prédio de alvenaria com 12 salas. O histórico desta escola foi dividido em três períodos a fim de contextualizar e tornar o entendimento mais didático: de 1957 a 1970; de 1971 a 1995 e de 1996 aos dias atuais. (Nogueira & Mazon, 2005).

Primeiro Período – 1957 – 1970, a escola Presidente Campos Salles atendia alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, provenientes do Jardim Patente e São João Clímaco, a maioria dos alunos eram filhos de trabalhadores das chácaras e olarias que havia na região, muitos descendentes de portugueses e italianos.

Segundo Período – 1971 – 1995, de 71 a 72 ocorreu a ocupação desordenada de Heliópolis, esta escola era a mais próxima para atender as famílias que haviam sido desalojados da favela de Vila Prudente e também dos trabalhadores da construção do Hospital de Heliópolis. Nesta época, segundo relatos de professores, dificilmente formava-se turmas de último ano de Ensino Fundamental (8ª série), a escola tinha o estigma de “escola dos favelados, dos marginais e baderneiros”.

Terceiro Período – 1996 aos dias atuais, em 21 de novembro de 1995 o professor Braz Rodrigues Nogueira, formado em Filosofia e posteriormente no curso de Pedagogia, assumiu a direção da escola e, segundo ele, “Minha esposa, a Arlete pediu pra que eu fizesse Pedagogia, eu não queria sair da sala de aula. Fiz porque ela pediu. Quando terminei o curso de Pedagogia, veio o concurso para direção, ela me ajudou a fazer a lista. Coloquei 14 escolas, a primeira foi EMEF Presidente Campos Salles, teve um homem que olhou a

minha lista e falou: - Esta não, nem pense em ir pra lá, lá os alunos são baderneiros, você vai sofrer lá. Eu morava perto, (12 minutos a pé – hoje isso é um privilégio) outra coisa era a origem das famílias, lembra porque eu disse que minha origem na roça iria explicar este percurso? Pensava na relação professor aluno e não queria sair da sala de aula. Até que Arlete disse: -Se escolher por minha causa, esquece.” (relato da entrevista realizada em dezembro de 2015 na DRE - Ipiranga).

Ele chegou à escola com duas ideias que nortearam seu trabalho: A escola como centro de Liderança e Tudo passa pela Educação. Em 1996 teve aliado aos seus trabalhos, duas coordenadoras pedagógicas que assumiram cargos no mesmo ano que adotaram estas ideias ampliando-as com a metodologia da escola da ponte.

#### 1.6.2 PROFESSOR BRAZ RODRIGUES NOGUEIRA E A ESCOLA DA PONTE

Braz Rodrigues Nogueira tem formação acadêmica em Filosofia, História, Pedagogia e especialização em Educação Comunitária. Foi professor de escolas públicas municipais, estaduais e particulares durante 19 anos. Foi diretor da EMEF. Pres. Campo Salles, atualmente está aposentado e participa das reuniões da gestão do CEU Heliópolis Arlete Persoli. A metodologia atual orienta que o professor leve em consideração os conhecimentos prévios do aluno (PCN, 1997) sendo assim, contar o percurso de mudança na estrutura educacional da Escola Municipal Presidente Campos Salles precisamos considerar os “conhecimentos prévios” do diretor da escola, professor Braz Rodrigues Nogueira a fim de propor ao leitor uma visão esclarecedora da simplicidade deste educador. Em entrevista realizada em dezembro de 2015, o professor Braz contou sua história, sua origem, a cidade em que nasceu, sua formação acadêmica e os percursos que nortearam sua vida profissional. Decidimos manter trechos dos relatos originais para mostrar que a interdisciplinaridade surge com a criação de projetos compartilhados, articulados e apropriados por todos aqueles que desejam mudar seus conceitos, suas ideias sobre a educação emancipatória que conduz a criação da comunidade educadora.

Braz iniciou seu relato assim: “Sou da roça”, nasceu em Auriflama, interior do estado de São Paulo, os pais viviam em Córrego das Cruzes, na roça onde estudou até a 3ª série. Na cidade, terminou os estudos iniciais. Foi para Pirassununga servir à aeronáutica. Desistiu da carreira militar e mais tarde, levado por seu amigo, o padre Pedro de Uchoa “na época, ser padre era ser um líder” foi conduzido ao seminário. Em Santa Fé do Sul, estado de São Paulo, cursou Filosofia. Desistiu do seminário porque questionava o celibato. A experiência profissional do professor Braz começa na cidade de São Paulo, ele conta: “Fui morar em república na cidade de São Paulo, a faculdade de Filosofia tinha registro de Psicologia e Estudos Sociais” Ele conta que sua maior experiência foi na EMEF Sylvia Martin Pires, “Foi na Sylvia que descobri minha vocação.

Trabalhava com 500 a 600 alunos, usava alguns passos da técnica do psicodrama, isso aconteceu nos últimos cinco anos na Sylvia. Aos finais de semana fazíamos a representação de uma cidade, com vereadores, administradores, povo...” Teve também uma experiência na escola do Estado, onde lecionava, em Rudge Ramos, (São Bernardo do Campo, cidade do estado de São Paulo) “a diretora deu convite a diversas autoridades e eu conduziria o debate, não sei o que aconteceu me deu um branco e fiquei paralisado, já havia conduzido diversas vezes esta vivência, eu era o condutor e não sei... Havia uma menina, do 6º ano, ela percebeu que eu parei e ela continuou, conduziu de tal forma que eu fiquei... os alunos se apropriaram”.

Este relato mostra sua descoberta ou sua confirmação de que o aluno é capaz de decidir e agir de forma autônoma, reflexiva. A maneira como fala do aluno, em observações durante a entrevista, percebe-se o conceito defendido: ser participativo, crítico e capaz de assumir responsabilidades.

Quando chegou à Emef Presidente Campos Salles para assumir o cargo, Braz conta que havia três grupos lutando pelo “poder” de manipular contra os outros grupos. Lembrando-se deste fato, o professor Braz questiona: Poder de quê?

Com as duas ideias: “tudo passa pela educação, não pela escola” e a segunda ideia, de que “a escola realiza bem o papel quando toda a comunidade for educadora” iniciou seu trabalho como gestor, teve a convicção de que a escola não pode ter barreiras com a comunidade, percebeu o papel político e a melhoria da qualidade da educação na efetivação dos direitos das pessoas. Aos poucos foi retirando às barreiras que separa o aluno da escola, a escola da comunidade, a escola do professor e assim, nesta frase ela expõe a complexidade, a ambiguidade e o objetivo comum da mudança: “Quando a escola não tem muro, ela se contamina com tudo, cria a sociedade mais justa, mais humana.” Segundo ele, a escola está inserida na comunidade para ajudar na transformação da sociedade, isso faz com que todos sejam os educadores não só os professores.

Quando chegaram duas coordenadoras pedagógicas na escola, uma delas havia sido sua aluna no Ensino Fundamental, tornaram-se como ele disse “cúmplices nas ideias”, ajudaram a organizar o curso de 2º ano e 3º ano e também a organizar um curso para pais dos alunos da escola. (40% dos pais fizeram o curso) foi um ano de duração do curso. Neste curso falavam da beleza e da feiura da escola (na época com 1.800 alunos, 720 pais participaram do curso). Ocorreu a formação de quatro comissões de pais: A comissão de reivindicações. Com apenas alguns telefonemas, toda a comissão se apresentava; A comissão de cultura, esportes e lazer: Organização da Caminhada Pela Paz; A comissão de integração escola/comunidade e A comissão de limpeza, conservação e manutenção do prédio, a escola não tinha dinheiro, contava com a contribuição deles (pais) e da PTRF verba de Programa de Transferência de Recursos Financeiros.

Segundo o diretor, a escola começou para a comunidade através destas comissões, contava com a participação de pais, professores, alunos e representantes da comunidade. Todos se sentiam parte do projeto. A escola potencializou a organização da comunidade, é a porta da comunidade do Heliópolis. Novamente, percebe-se que a interdisciplinaridade está para o projeto de inovação bem como para a transformação social. Esta transformação

surgiu de forma impactante, a violência do bairro de Heliópolis fez nascer a caminhada pela paz.

### 1.6.3 O NASCIMENTO DA CAMINHADA PELA PAZ

Um fato que ocorreu em 1999 deu origem a Caminhada Pela Paz de Heliópolis. Uma aluna, Leonarda foi assassinada após sair da escola. Ela era aluna da EJA (Educação de Jovens e Adultos), a saída era às 23 horas, por volta das 23h45minh ela foi morta com cinco tiros na cabeça. O velório aconteceu no Hospital do Heliópolis. Com o intuito de não ser omissos, e junto com o presidente da UNAS (União de Núcleos, Associações dos Moradores de Heliópolis e Região), as duas ideias: “tudo passa pela educação, não pela escola” e a segunda ideia, de que “a escola realiza bem o papel quando toda a comunidade for educadora” tomaram forma e passaram a fazer parte deste projeto, em 1999. Ato de emancipação da comunidade com responsabilidade e solidariedade transforma a educação num processo que valoriza o bem comum e a vida social.

### 1.6.4 A QUEBRA DOS MUROS E PAREDES, UMA NOVA EDUCAÇÃO PARA ALUNOS AUTÔNOMOS, RESPONSÁVEIS E SOLIDÁRIOS

Na relação professor e aluno, ainda existia o adultocentrismo, as práticas pedagógicas, a concepção da criança como tábula rasa, incapaz de decisão. E o professor como detentor do conhecimento, quebrar com esse paradigma era um grande desafio. “Se quebrar o muro, o caos será instaurado.” Os muros e as paredes que dividiam a escola da comunidade foram literalmente removidos e iniciou-se um processo que vai além da interdisciplinaridade, que se pretende no rompimento da compartimentalização das disciplinas curriculares. Para elucidar este processo, professor Braz relata o que se sucedeu: “Daí, eu comecei a receber bilhetinhos embaixo da porta, aquele povo que defendeu a Escola da Ponte, citava Rubem Alves, aqui no Brasil e Rui Canário, em Portugal que falam da Escola da Ponte.”

### 1.6.5 A ESCOLA DA PONTE DE PORTUGAL COMO REFERÊNCIA

Para seu idealizador, José Pacheco, a escola da ponte é revolucionária, libertária, solidária. Esta escola localiza-se em Vila das Aves, Portugal. Em 1976, num contexto caótico de exclusão e vários problemas de ordem social, Pacheco organizou o espaço da escola em grupos de alunos com interesses comuns, respeitando as diferenças individuais, rompendo com a separação entre as classes (Pacheco, 2011). A escola da ponte serviu como inspiração para a criação do Projeto Âncora, na cidade de Cotia, São Paulo. Esta situação caótica encontrava-se também na região de Heliópolis desde a sua constituição.

No primeiro semestre de 2004, Gilberto Dimenstein foi à Campos Salles. “Eu tive a decisão de fazer uma Pós-Graduação na Universidade Anhembi Morumbi, minha tese de Trabalho de Conclusão de Curso: A Implementação de uma Metodologia de Ensino Baseada na Escola da Ponte. Apresentei minha tese para várias pessoas na comunidade através de seminários, com alunos, pais e representantes da comunidade. O Conselho de Classe votou e aprovou. Haveria a implantação quando os professores estivessem preparados. Em 2006, no início do ano, colocamos carteiras com quatro alunos.” Nos primeiros dois anos, foram poucos os resultados (2006-2007).

Em 2008, “o bicho pegou” a escola foi transformada em quatro grandes salões e três salas individuais para alunos do 1º, 2º e 3º anos. “Ou o professor trabalha em equipe, ou trabalha em equipe, não tem como enganar.” Desta forma, o professor faz roteiros de estudos e o aluno trabalha autonomamente conforme o roteiro. “Se os alunos, em grupos de quatro elementos concluíssem os estudos daquela semana de roteiro, passará para o próximo roteiro, ele é quem dirige a sua aprendizagem.”

O professor Braz diz que o primeiro professor do aluno é ele mesmo, estando em grupo, havendo dúvida que um deles não possa esclarecer, o professor é chamado para orientar a melhor forma de resolver a dúvida, então, um dos três professores que permanece para atender aquele salão se dirige ao grupo. “E não importa de que especialidade é aquele professor, ele conduz o aluno a buscar outras estratégias de resolução de seu desafio.” Aí os professores

questionavam, como é que eu vou tirar a dúvida de Matemática se eu sou de História?

Segundo Morin (2002), é preciso enfrentar as incertezas uma vez que vivemos em épocas de mudanças onde os valores são ambivalentes. É necessário reformar o pensamento numa reforma paradigmática e não programática. Ele lança uma questão: “Como perceber e conceber o Contexto, o Global (a relação todo/partes), o Multidimensional, o Complexo?”.

O professor Braz dá uma sugestão: “Ora, você já passou pelo Ensino Fundamental, se você não sabe, vai ajudar em conjunto com o aluno a encontrar também uma forma de resolver esse desafio.” Este trabalho tem três princípios: Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade. Com mais uma frase de impacto, professor Braz encerra a entrevista: “Hoje tem movimento dentro da escola.” Para Fazenda (2011), a interdisciplinaridade é pautada numa ação em movimento, esse movimento tem natureza ambígua cujos pressupostos são a metamorfose e a incerteza. Não havia garantia nenhuma entre todos os integrantes desta transformação que a escola seria a porta da comunidade educadora, aliás, existiam incertezas e receios, sentimentos ambíguos: “já sabemos o que não funciona” o velho paradigma e os estigmas (alunos baderneiros, favelados), o caos já estava instalado, a retirada das paredes e dos muros uniu duas forças: a escola e a comunidade.

O professor Braz diz que o professor não explica, o papel dele é conduzir, oferecer recursos para que o aluno aprenda. É revolucionário porque o professor vai para a sala com tudo o que tem no roteiro. Professor e alunos buscam a resposta, são os dois pesquisadores com o mesmo movimento de aprendizagem.

## 1.7 RETORNANDO A AUTOBIOGRAFIA – MEU TRAJETO

Em 2015, prestei o concurso público para professor de educação infantil e ensino fundamental I pela prefeitura da cidade de São Paulo. Assumi o cargo no final do ano em uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil) perto de casa. No ano seguinte, fui para bem longe. De manhã lecionava no Estado,



sofrendo as discriminações citadas acima e a tarde em uma EMEF no bairro do Campo Limpo. Ao final de 2016, na remoção, indiquei a EMEF Presidente Campos Salles, havia apresentado dois congressos sobre esta escola, mas a o olhar na pesquisa é bem redutível. Nas relações é que acontecem as trocas, o conhecimento e o autoconhecimento.

### 1.7.1 NA EMEF PRESIDENTE CAMPOS SALLES

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”

Paulo Freire

Embora a gestão e alguns professores tenham me visto na escola nos momentos de pesquisa, apresentar-me e expor a minha satisfação em dividir este espaço com eles foi emocionante então, chorei. Estava muito ansiosa, eufórica e alegre, após trinta anos de magistério, conhecer e vivenciar algo tão desafiador que é a educação inovadora, fui percebendo que o estudante é o protagonista do projeto, ele precisa de acolhimento, carinho e atenção, que antes de impor qualquer prática escolar, precisamos dividir com a equipe, que cada salão de estudos possui sua própria gestão, os tempos e espaços precisam ser organizados de tal forma que professores, gestores, funcionários estejam cientes para fazer alguma notificação a pais ou responsáveis. E o mais importante: somos humanos.

### 1.7.2 AS RELAÇÕES NA EMEF PRESIDENTE CAMPOS SALLES

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar numa alma humana, seja apenas outra alma humana.”

Carl Jung

Sinto que a base do projeto são as relações humanas. Somos todos seres historicamente construindo-nos e desconstruindo-nos o tempo todo em nossas relações. É importante conhecer a história da comunidade de Heliópolis, bem como sua constituição de resistência e luta pelos direitos da pessoa. Ser empática com os estudantes e suas famílias é imprescindível no trabalho coletivo desenvolvido ali. A história da Comunidade de Heliópolis é o tempo todo

resgatada em todas as linguagens artísticas, teatrais, plásticas, em narrativas, prosas e versos.

A cada ano, em diversos momentos acontecem em vários espaços, pessoas da comunidade, da gestão do CEU Heliópolis e lideranças comunitárias, artistas e outros, falando expressando e narrando esta história de mais de 40 anos de lutas e resistências. Em contrapartida, não conhecemos as histórias de vida dos professores, da gestão, dos funcionários. Ao expormo-nos ficamos vulneráveis? Fortalecidos? Respeitados, respeitamos? Não sei... Fazer todo este relato da minha constituição profissional não significa que eu saiba o que é ser professora na Emef Presidente Campos Salles, ao contrário, cada dia é uma transformação, cada momento é único e todos são encontros com a minha história e meu caminhar pela profissão.

Luiz Carlos de Freitas, 2016 apresentou uma análise sobre a avaliação externa, disse que nada do que se faz externamente ao ambiente escolar, querendo quantificar dados cognitivos nas avaliações pode representar a qualidade da educação. O que será a qualidade educacional? O curso de especialização ANE (Alternativas para uma Nova Educação) provocou-me estes questionamentos.

## 1.8 AS POLÍTICAS PÚBLICAS

Quando Alexandre Schneider esteve como secretário da educação do município de São Paulo entre 2016 e 2017, e com as reivindicações do então dirigente regional, Braz Rodrigues Nogueira aconteceu a criação de um Grupo de Trabalho (GT) com representantes as escolas de São Paulo (Emef Amorim Lima, Emef Presidente Campos Salles).

Este GT busca uma legislação diferenciada para compatibilizar o projeto com a vida funcional dos profissionais que ali trabalham. Com a tarefa de acolher os estudantes, seus responsáveis e suas famílias, os novos funcionários: o professor, agente escolar, as visitas, também devem ser acolhidos e apresentado o trabalho, o nosso projeto. A secretaria da educação com este GT,

procura estudar as peculiaridades de cada uma das escolas que desenvolvem inovação educacional na rede pública municipal.

Ainda este ano, 2019, foi apresentado a toda equipe um questionário que versou sobre carga horária, direitos e deveres dos funcionários. Estamos aguardando a análise e a resposta da secretaria, esperando que se realizem políticas públicas que sustentem e aprimorem o nosso projeto. Enquanto isso não se concretiza, podemos apresentar as trocas e as experiências profissionais na Campos Salles.

### 1.9 OS DISPOSITIVOS PEDAGÓGICOS DA EMEF PRESIDENTE CAMPOS SALLES PARA A INOVAÇÃO EDUCACIONAL CRIANDO A CULTURA DA PAZ:

A criação da Caminhada pela Paz trouxe para a região o sentimento de indignação, Vickery (2016, p. 51) esperança e uma nova visão de consciência coletiva. Segundo Moran (2007 pp 39-72), a base para a inovação é o conhecimento integrador e inovador, desenvolver a autoestima e o autoconhecimento, a formação para o empreendedorismo e a construção da cidadania. Morin, (2002, p.85) diz que precisamos enfrentar as incertezas como um dos saberes para a educação do futuro, que “a realidade não é facilmente legível”, que “as ideias e teorias não refletem, mas traduzem a realidade” e essa tradução pode ser errônea. Neste sentido, a equipe empenhada na inovação educacional, embora rodeada de incertezas, também precisava de sustentabilidade para manter o processo de mudança e inovação, percebeu-se que a participação dos estudantes é fundamental em todos os dispositivos implementados pela escola Presidente Campos Salles. Então, no início do ano letivo, são realizadas as assembleias.

#### 1.9.1 AS ASSEMBLEIAS DE ESTUDANTES

As assembleias são reuniões de estudantes e educadores. Acontecem em cada salão, que possui, em média, um total de 75 estudantes e três educadores. Os salões são distribuídos por estudantes de cada ano letivo: 1º ao 8º ano e EJA (Educação de Jovens e Adultos). A escola possui quatro turmas no período diurno, os salões do 5º, 6º, 7º e 8º anos. No período da tarde, turmas do 1º, 2º, 3º e 4º anos. No período noturno, os estudantes adolescentes e adultos

da EJA. É na assembleia que o estudante escolhe o que quer estudar e sobre o que quer aprender. Uma data para a Assembleia é marcada e os estudantes apresentam suas propostas, que serão votadas e temas serão definidos de maneira democrática, para depois os educadores elaborarem os roteiros de estudos. O primeiro roteiro desenvolvido pelos estudantes é o que apresenta os princípios da escola: Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade, “Tudo passa pela Educação” e a “Escola como Centro de Liderança” na comunidade que atua (Nogueira e Mazon, 2005 pp 13 -14)

Enquanto os estudantes desenvolvem e discutem em grupos, executando as atividades propostas neste roteiro, autonomamente, são convidados a pensar e propor ideias para os próximos roteiros.

#### 1.9.2 ROTEIROS DE ESTUDOS

Os professores procuram abordar de forma interdisciplinar os assuntos e temas propostos, votados e elencados pelos estudantes, contemplando o currículo de cada ano, atendendo os projetos da Secretaria Municipal de Educação (SME) (Dot, [Diretoria de Orientação Técnico-Pedagógica Ensino Fundamental e Médio] - 2015) definidos pelo Ministério da Educação e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, (PCN, 1997) considerando os conteúdos, expectativas e objetivos pedagógicos de cada ciclo de estudos. Com os roteiros prontos, os alunos dispostos em grupos de quatro estudantes, iniciam os estudos e a aprendizagem autonomamente.

Ruben Alves (2001, p. 5) diz que na Escola da Ponte “as crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. A aprendizagem e o ensino são empreendimentos comunitários, uma expressão de solidariedade”. Para a equipe de educadores da escola Campos Salles, o primeiro professor do aluno é ele mesmo,

“...estando em grupo, havendo dúvida que um deles não possa esclarecer, o professor é chamado para orientar a melhor forma de resolver a dúvida. Então, um dos três professores que permanece para atender aquele salão se dirige ao grupo. E não importa de que especialidade é aquele professor, ele conduz o aluno a buscar outras estratégias de resolução de seu desafio. Aí os professores questionavam, como é que eu vou tirar a dúvida de Matemática se eu sou de História?” (Nogueira, 2015 em Viscaino, PanPbl - 2016).

No salão, todos aprendem com todos. Para Pacheco (2012) projetos humanos são atos coletivos, o professor precisa desenvolver a “escutatória” e, propiciar a curiosidade nata das crianças.

Com a finalização do roteiro o educador avalia através de conversa, observando os objetivos atingidos para que os estudantes iniciem um novo roteiro.

Onde há pessoas, há conflitos. Heráclito de Éfeso (séc. VI a V a.C.) traz a “harmonia dos contrários: Aquilo que é oposto se concilia, das coisas diferentes nasce a mais bela harmonia e tudo se gera por meio de contrastes” (Reale e Antiseri, 2007/1997 p.23)- os conflitos. Outro dispositivo pedagógico da escola é a Comissão de Estudantes.

### 1.9.3 COMISSÃO MEDIADORA DE ESTUDANTES

Também no início do ano letivo, cada salão elege dez estudantes para compor as comissões. Estes estudantes representam todos os estudantes do salão. Aqueles que desejam participar das comissões apresentam suas propostas. Eles sabem que uma das tarefas principais é a mediação de conflitos e a de ajudar na gestão dos salões. Gerir o salão é apresentar propostas de orientação de estudos. A autonomia e a solidariedade aparecem na atividade colaborativa e nas discussões sobre os estudos.

Pacheco (2015) afirma que “aula não ensina e prova não avalia”, a superação deste paradigma levou-o a confirmação de que, embora preparasse excelentes aulas, alguns alunos não aprendiam. Os alunos têm curiosidades e eles aprendem aquilo que for contextualizado e significativo, PCN (1997 p.44). Para Vickery, 2016, capacitar as crianças para assumir responsabilidades, oferecendo autonomia, torna-as parceiras na própria aprendizagem.

A comissão tem autonomia para convocar estudantes, professores e funcionários a fim de mediar qualquer relação conflituosa. Eles também participam das reuniões de Conselho de Classe (ocorrem ao final de cada bimestre e são discutidos os processos de avanço da aprendizagem de todos os estudantes do salão), onde são apontados aspectos positivos de crescimento no

processo de aprendizagem e também de relacionamentos. Ajudam na atribuição de conceitos (Plenamente Satisfatório, PS; Satisfatório S; Não Satisfatório NS) para os alunos do 1º ao 3º anos e a partir do 4º ano, a Secretaria Municipal da Educação instaurou a atribuição de notas de 0 a 10, a média para promoção para a próxima etapa dos estudos é 5 (Decreto 54.452/2013 art.4 §5 - SME).

Dar voz aos alunos através da comissão é um processo de construção de significados. O estudante jamais será exposto a julgamentos de valores morais. O objetivo é a reflexão, autoanálise, autoconhecimento e a proposta de mudança se esta se fizer necessária, se houver significado para que ela ocorra (Viscaino,2018).

As mudanças ocorridas na região de Heliópolis foram imprevisíveis, Nogueira (comunicação pessoal em 29/09/2017 - VII Seminário da Educação - Heliópolis Bairro Educador) diz que “trabalhar em equipe é o ponto forte desta transformação mas que também pode ser o ponto fraco”. Foi a partir da criação da comissão mediadora de estudantes que surgiu outro dispositivo pedagógico, a república de estudantes.

#### 1.9.4 OS EQUIPAMENTOS DO CEU (CENTRO EDUCACIONAL UNIFICADO) HELIÓPOLIS ARLETE PERSOLI

O CEU Heliópolis Arlete Persoli surgiu com o processo de inovação da Emef presidente Campos Salles e na busca dos direitos da pessoa, foi inaugurado em 29/04/2015, pertencente a Diretoria Regional de Educação – Ipiranga - SP. Os equipamentos, como são chamados são: Centros de Educação Infantil, CEU EMEI Antônio Francisco Lisboa, CEU EMEF Presidente Campos Salles e ETEC (Escola Técnica Estadual) Heliópolis. A infraestrutura é composta por Ginásio Poliesportivo, Espaço Multiuso, Biblioteca, Piscinas (adulto e infantil) e pela Torre da Cidadania, prédio de cinco andares onde acontecem diversas atividades: dança, artes plásticas, culinária, artes marciais, cursos de capacitação profissional, laboratório com impressora 3D, etc. (CEU Heliópolis, 2016). Onde existia apenas uma escola que atendia alunos com estigma de “baderneiros”, (Emef Pres. Campos Salles, 2008 § 12), todos podem usufruir de

todos os equipamentos através da requisição e da conquista de toda a comunidade de Heliópolis.

O currículo da secretaria municipal de São Paulo prevê que todos os estudantes desde o 1º ano do Ensino Fundamental I: período de aquisição da língua escrita e falada convencionalmente e da habilidade em cálculos, (Lei 93934/96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação [LDB] artigo 32, inciso I), tenham diversidades e ampliação no seu desenvolvimento, através das aulas de especialistas das áreas de Educação Física, Arte, Inglês, Leitura e Informática. Estes momentos de estudos propiciam a ampliação curricular e avanço nas diferentes áreas do conhecimento.

#### 1.9.5 MOMENTOS COM ESPECIALISTAS

O movimento dos estudantes na apropriação das diferentes áreas do conhecimento: Português, Matemática, Ciências da Natureza e Sociedade, História, Geografia, Ciências, Educação Física, Arte, Inglês, Leitura e Informática são importantes para a ampliação da aprendizagem (Portaria 6771/13- SME).

São momentos em que os estudantes saem dos salões, dirigem-se para locais diferentes do CEU, usufruindo dos equipamentos. José Pacheco, 2016 afirma que na educação “a deficiência não está na aprendizagem e sim na “ensinagem”. Atuar de forma diferente, em diferentes espaços, utilizando de recursos que propiciem outros movimentos, permite sair dos condicionamentos do século XVIII, do modelo tradicional.

Na escola Campos Salles, nas atividades com especialistas, os estudantes formam pequenos grupos de 25 estudantes. São espaços que favorecem um contato mais próximo dos educadores e dos estudantes e sessões diferenciadas de aprendizagem. Para as atividades de Português, Matemática e Ciência da Natureza, História e Geografia, são chamadas de oficinas pedagógicas. Para o ciclo que compõe 1º, 2º e 3º anos, o foco é a alfabetização, para o 4º, 5º e 6º anos é a interdisciplinaridade e para o 7º, 8º e 9º anos, a autoria passa a ser o centro de interesse nas oficinas. Estes ciclos: alfabetização,

interdisciplinaridade e autoria são normativas da Secretaria Municipal da Educação (SME, 2016).

#### 1.9.6 OFICINAS PEDAGÓGICAS

As oficinas pedagógicas ocorrem em momentos diferentes para cada grupo de 25 estudantes. Nas salas individuais, espaços menores, como uma sala de aula convencional, os educadores realizam jogos, exercícios, atividades com foco em desenvolver conceitos, habilidades e competências. Atualmente, os educadores estão aplicando o ensino híbrido e fazendo adequações, conforme a necessidade e as condições viáveis. Alguns recursos são utilizados a fim de tornar o ensino personalizado. “A personalização parte do princípio de que pessoas aprendem de formas diferentes e em ritmos diferentes, com base nos seus conhecimentos prévios, habilidades, interesses e emoções”, (Porvir, 2013, § 1).

São criadas estações de aprendizagem, cada estação visa maximizar a aprendizagem. O conhecimento acontece quando algo faz sentido, é experimentado, quando pode ser aplicado de alguma forma, em algum momento, Moran (2007 pp 39-72). As estações podem abranger diferentes tarefas com diferentes desafios: produção de texto, revisão de escrita, solução de enigmas, resolução de situações problemas, pesquisas utilizando dicionário, enciclopédias, internet, livros didáticos, etc., construções artísticas, leituras de diferentes portadores textuais (poemas, histórias em quadrinhos, contos, artigos, etc.). Cada estação é uma tarefa, são selecionadas pelo menos cinco tarefas em cada oficina pedagógica. Cada uma pode ser realizada em espaços de tempo que são definidos no grupo e também a formação das equipes para realização das tarefas, decorrido o tempo, os grupos mudam de atividade, rodiziando e percorrendo todas as atividades (estações) daquela oficina. O percurso das equipes depende também de planejamento, para que haja momento de alívio de tensão, se os estudantes saem de uma produção textual, a próxima estação não é recomendada ser resolução de problemas. É preciso permitir quebras que poderiam desestimular as tarefas, “não basta utilizar as tecnologias sem antes



pensar em sua utilidade” (Schneider, 2015 p. 71). Assim como não é aconselhável duas tarefas de desenvolvimento sinestésico seguidas.

Conforme o que aponta Moran (2015 p. 42), “O professor precisa ser competente do ponto de vista intelectual, afetivo e gerencial (gestor de aprendizagens múltiplas e complexas)”. As estações são momentos de colaboração e sabemos que as relações entre os membros das equipes precisam ser construídas e isso é um processo. Os estudantes também oferecem propostas de estações. Todas as atividades são discussões e construções coletivas e podem ocorrer em diferentes espaços do CEU. O educador é quem organiza estes saberes através do planejamento ou elaboração de projetos que atendam ao interesse do estudante. Moran (2015 pp. 33-35) diz que a introdução das tecnologias com objetivos e benefícios de seu uso bem definidos, possibilita a personalização no sentido de sugerir atividades adequadas ao desenvolvimento do estudante, de seu conhecimento e de suas habilidades.

#### 1.9.7 AS RODAS

São chamadas de rodas os momentos em que os estudantes se agrupam, fora de suas carteiras, em círculos, participam como ouvintes de leituras feita pelo educador (contos, notícias de jornais, artigos de revistas, poemas, poesias, etc.). Estas leituras podem ser de apreciação, de propósitos para diferentes discussões (filosóficas, políticas, sociais, participação cidadã, saúde, etc.) As rodas também favorecem a escuta dos educadores. Os estudantes falam de seus sentimentos, expõem os pensamentos e os conhecimentos sobre os assuntos tratados. Nas rodas tratam também de combinados e regras de convivência e relacionamentos, resgatam os princípios da escola: autonomia, responsabilidade e solidariedade, a liderança da comunidade e tudo passa pela educação na construção da cidadania e aquisição dos direitos da pessoa.

Neste movimento, o estudante aprende a ouvir e expressar o que sabe na organização dos momentos de fala e de escuta. Conforme o que estabelece a LDB 9394/96, artigo 35 da sessão IV sobre as finalidades da educação: para o aprimoramento do educando como pessoa, incluindo a formação ética e o

desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, entre outras finalidades, as rodas possibilitam aos estudantes uma postura crítica reflexiva, Viscaino, 2018

### 1.9.8 MEDITAÇÃO

A meditação, conforme Sara Lazar (2016), “é uma forma de exercício mental, ajuda a administrar melhor o estresse e promove longevidade, a meditação se propõe a partilhar um destes benefícios”. Foi introduzida a partir deste ano quando assumi aulas nesta escola. Não é realizada em todos os salões. A meditação “acalma”, “eu também faço meditação em casa”, “ajuda a se concentrar...” são alguns dos comentários dos estudantes. Na escola Presidente Campos Salles o professor também é autônomo em suas práticas desde que a atividade tenha contexto e seja significativa para o estudante.

## 2.0 Os princípios: tudo passa pela educação e a escola como centro de liderança (garantia de direitos das pessoas)

Sempre pensei em como vivenciar estes princípios. Em 2017, quando entrei na Campos Salles, fizemos a reunião integrada que é uma apresentação de todos os equipamentos que constituem o CEU Heliópolis Arlete Persoli, conduzida pela Gestora do CEU, Marília de Santis (que iniciou o contato com a comunidade de Heliópolis desde 2010). Esta reunião acontece todos os anos, no início do ano letivo e para iniciar o segundo semestre. Há uns anos atrás, este momento de início de ano letivo havia também a caminhada pelas ruas e vielas de Heliópolis. Os professores, funcionários, gestão e lideranças da comunidade conduziam esta caminhada.

Nos últimos anos isso deixou de acontecer. Sentimos que é imprescindível este momento para manter a integração com a comunidade. Também apontamos que a escola Emef Presidente Campos Salles, atualmente não é o centro da liderança de Heliópolis, o Bairro Educador. Temos nosso papel como projeto integrador da educação escolarizada com a comunidade, no entanto a liderança foi descentralizada.

No decorrer da transformação dos espaços e tempos do CEU Heliópolis Arlete Persoli, surgiram diferentes movimentos sociais (movimentos: de mulheres, LGBTQI+, Sol da Paz, Jovens, MOVA (Alfabetização de adultos), Hip Hop, ampliação do CCA (Centro da Criança e do Adolescente), etc. Dois destes movimentos serão relatos de conclusão deste curso - ANE. Mariana Maria da Silva trará o Movimento de Mulheres e Douglas Cavalcante de Jesus o relato do Movimento Hip Hop na comunidade de Heliópolis.

O fato de surgirem grupos representativos dos diferentes movimentos no Bairro de Heliópolis organiza a comunidade de tal forma que a escola passou a promover a participação dos estudantes nestes movimentos e conscientizarmos que a liderança da escola na comunidade é o ponto de partida de organização, discussão e ampliação de ocupação dos diferentes territórios.

Acreditamos, então que: Tudo passa pela Educação e que a educação é um processo de construção e desconstrução incessante. Sendo assim, é fundamental manter o trabalho coletivo.

Tenho percebido que para desenvolver o trabalho coletivo precisamos aprender a escutar. A leitura da obra de Christian Dunker e Cláudio Thebas, O Palhaço e o Psicanalista, traz uma reflexão muito interessante sobre este assunto. Como ainda não concluí a leitura, deixarei apenas esta indicação neste parágrafo, não referenciado nas bibliografias.

As novas ideias têm nos conduzidos para caminhos de mudanças e outras inovações. Abaixo trarei o relato sobre uma parceria e o nascimento da tutoria como proposta da melhoria da qualidade do trabalho na escola Campos Salles.

## 2.1 PARCERIA COM A TELEFÔNICA VIVO E O NASCIMENTO DE UMA NOVA PROPOSTA

Desde 2013, a Companhia Telefônica e a escola fizeram uma parceria que possibilitou a instalação de equipamentos tecnológicos nos salões de estudos e a realização de uma série de intervenções pontuais para apoiar nosso projeto. Foram discussões sobre avaliação e registros avaliativos que iniciei minha formação em serviço (JEIF – Jornada Especial de Horas-aula Excedentes)

na escola. As discussões versavam sobre a padronização de uma ficha de registros avaliativos que pudesse contemplar todos os salões de estudos.

Eram momentos muito intensos. De um lado, a Telefônica pressionando a gestão e os professores a aprovar um único documento por outro, os professores divergindo sobre apresentações de conteúdos na ficha avaliativa que não contemplavam o nosso projeto. Algumas formadoras da Telefônica foram substituídas e assim foi. Atualmente, a Telefônica não é mais parceira da escola. Desde 2018, estavam apresentando este rompimento e agora é definitivo. Os equipamentos doados para a escola continuam em uso, bem como a internet, com mais capacidade e velocidade, também estão funcionando, não sabemos até quando...

O que importa, neste processo todo é que a Telefônica deixou uma tarefa para toda a equipe: criar uma ficha avaliativa, padronizada, por salão, por etapa de aprendizagem, por ciclo, enfim. O que é mais impressionante é que a discussão sobre “registros de avaliação” trouxe a toda equipe (gestoras e professores) o primeiro passo para a mudança, mas como fazê-la?

### 3.0 CAMINHANDO PARA A IMPLANTAÇÃO DA TUTORIA

A questão que apresentamos neste instante volta a ser a quebra dos muros internos, de uma educação que vai além da transmissão de conteúdos didáticos para a educação emancipatória dos estudantes na elaboração dos seus próprios roteiros de estudos.

Outra questão é a emancipação da profissão docente rompendo com a elaboração da construção do conhecimento pelos roteiros de estudos. A ação de registrar a avaliação dos estudantes nos fez refletir sobre nossas ações.

Portanto, iniciamos a autoavaliação como processo de horizontalidade da construção de problemáticas que caminhem ao encontro dos direitos da aprendizagem.

A terceira questão é como podemos desapegar da carga do passado e sua força de repetição, limitação, ajustamentos e permitir o novo que está posto

e inovar no sentido mais amplo – a caminho do desconhecido e das infinitas possibilidades, partindo daquilo que realmente é o interesse do estudante?

A quarta questão é a apropriação do projeto Campos Salles, também temos a remoção de professores e da atual direção que está em licença médica desde que assumiu o cargo, em 2017. Os novos professores e gestores aceitarão este projeto? Parece que é o momento de agir no princípio:

Tudo passa pela educação - tanto a “nova gestão” quanto os novos educadores farão a iniciação ao projeto no acolhimento das diversas rupturas internas até a incorporação do projeto e suas infinitas transformações.

### 3.1 O QUE CHAMAMOS DE INOVAÇÃO

A educação é inovação na medida em que redirecionamos o que está posto. Sabemos o que funciona e o que não serve para a comunidade que atendemos. Desta forma, não há regras e lógicas que possam ser compartilhadas nas diferentes escolas, inclusive nas escolas ao entorno, cada unidade escolar precisa se constituir. A tutoria pode ser um passo na inovação, ela pode instigar o estudante a se autoanalisar e colaborar para a efetivação da criação constante do conhecimento. Há uma luz que pode ser acesa neste processo de transformação do nosso projeto.

De nada serve o conhecimento se ele não servir primeiro para o autoconhecimento e para a felicidade (tentei pesquisar o autor desta máxima, porém, ouço muito a professora Lúcia Helena Galvão da Nova Acrópole, uma instituição filantrópica filosófica, acho que foi neste canal que tive este conhecimento conscientizador).

O rumo da situação política na atualidade, também traz questões sobre a força deste projeto no que tange às políticas públicas. Parece que estamos “perdendo o chão”: remoção dos profissionais, alterações políticas, militarização escolar?

Não podemos esquecer das palavras de Paulo Freire: “Educar também é um ato político”. Sabemos que a educação emancipatória surge do diálogo, da escuta, isso é educação democrática. Precisamos aprender a ouvir mais. O outro

princípio: A escola como Centro de Liderança - para nosso projeto a educação é horizontal “não há saberes mais ou saberes menos importantes, existem saberes diferentes” (Freire, 1987). Reassumir a liderança no sentido de trazer a comunidade para o entendimento desta nova forma de educar, quando a comunidade conhece o projeto, também se apropria: “se a Campos Salles está na luta por direitos humanos, a Unas também está” (João Miranda, 1999).

Nesta construção de uma nova forma de pedagogia, destaco aqui algumas falas de professores, gestores: “Tudo é Processo”. “Escola não são as paredes, escola são pessoas” (parafrazeando José Pacheco, 2016), “Isso tudo é vida”, “Há horizontalidade na tomada de decisão”, “Cada um, na sua especificidade de educar tem o seu valor neste projeto”, “Parece haver um consenso entre todos aqui, crescemos muito... precisamos ouvir aqueles que não se colocam”, “A escuta também é importante, precisamos aprender a ouvir, às vezes, o outro só quer falar e ser ouvido”, “Aqui não estou sozinha, temos parceiros”.

### 3.1.1 A VISITA DE FÁTIMA PACHECO NA CAMPOS SALLES

Em 2018, recebemos a visita de Fátima Pacheco que possui uma vasta experiência em “fazer a ponte”. Junto com José Pacheco, idealizador da Escola da Ponte, Fátima Pacheco apresentou aspectos importantes que nos fez refletir mais sobre a nossa prática. Disse que os roteiros de estudos não passavam de materiais didáticos, falou das práticas na Escola da Ponte: metodologias ativas, grupos colaborativos, avaliação por portfólio. Como a criança é colocada a prova quinzenalmente e compromete-se com o tutor a relatar tudo o que precisa para estudar: materiais, apoio específico e como e quando faz registros – produções textuais relevantes, apresenta as competências e habilidades desenvolvidas e como função social, oferece uma resposta à sociedade.

Se, ao final da quinzena, a criança não atende os regulamentos, ela precisa justificar. “Há uma interligação com a família, e o tutor está implicado” Fátima Pacheco, 2018. Há uma programação de trabalhos e prazos que são combinados e revistos no processo de tutoria. Não há um acompanhamento linear de tarefas simples para as mais complexas. O que existe é o conhecimento

e a curiosidade em aprender, fazer, conhecer e conviver – os quatro pilares da educação segundo Delors, 1999. Suas palavras foram inquietando, aguçando a vontade de mudar toda esta estrutura. E Fátima Pacheco termina sua fala: “Precisamos de ousadia para atingir o máximo que puder”. Neste dia, Braz havia sofrido um AVC, estava internado e não sabíamos. Foi um dia muito intenso para todos.

### 3.1.2 ENCONTRO ANE PAULISTA, 2018

A palavra que define este encontro foi a indecisão, percebi que tenho vivido encontros. Iniciamos compartilhando o Encontro ANE UFPR de 10/11/2018:

A intensidade do último encontro ANE Paulista, a constituição do sujeito da educação, as diferentes experiências realizadas nas Unidades de Ensino tanto em SP quanto no Paraná, as vivências propostas pela Susan em compartilhar sonhos, a perspectiva da morte... passamos informes sobre os próximos encontros: visita em Palhoça – PRÓ-CREP, no Vale da Utopia e as conquistas da população e também o caráter de resistência e permanência dos diferentes projetos em andamento.

Falamos sobre as organizações da viagem e estadia neste encontro que será realizado no sítio no próximo dia 1/12 (lanche comunitário e uso de repelentes rsrs). Foi acordado horários e locais para o encontro em Heliópolis para os dias 14 e 15/12 (com reunião no período da manhã em 14/12 no CEU Parque Bristol, continuando à tarde no CEU Heliópolis e para o dia 15/12, reunião no CEU Heliópolis no período da manhã e à tarde a confraternização na UNAS).

Discutimos também a necessidade de organização das datas para 2019 - pensamos na possibilidade de fazermos nossos encontros quinzenais, tanto o de SP quanto o do Paraná, espaçar os finais de semana.

Após estes informes, apresentamos nossas angústias com relação a estrutura do curso: escrita, leituras e apresentação - discorreremos sobre as quebras de padrões do curso que visa a inovação educacional, expondo

experiência do Projeto Âncora, da EMEF Presidente Campos Salles e da Peinha em Arujá e as práticas de inovação em Ibiúna.

Percebemos que os princípios da ANE das práticas inter-relacional, interexperencial, intergeracional, interdisciplinar, interterritorial, interinstitucional, são fundamentais para pensar no nosso projeto pessoal, que a exposição destes projetos depende destes “inters” e quais os fatores que ainda precisam ser vivenciados para a inovação concretizada de fato.

E que mesmo com estes passos de construção, ainda precisamos resistir àqueles movimentos que interferem na emancipação do sujeito autor da sua própria história e na construção da justiça e igualdade de direitos a todos. Confrontadas as angústias acadêmicas com as quebras paradigmáticas, pensamos que podemos unir forças, formando uma rede de resistência. Venha 2019 e todas as suas perspectivas. A educação, como base de formação da igualdade de direitos sociais, cidadania e constituição do sujeito não se encontra fechada nos muros das escolas, a educação emancipatória se dá na reflexão entre pessoas. Em meio a todas estas discussões preliminares das ações da ANE, cometi o atrevimento de abrir novos caminhos e percorrer outras trilhas nesta minha história pedagógica, psicológica e consciencial. Fui conhecer o PRO-CREP, beber um pouco de outras fontes de sabedoria, resistência e sucesso humanitário na Pinheira, Palhoça - Santa Catarina.

### 3.1.3 PINHEIRA - PRO-CREP

“Eu não sei como e nem de onde eu tirei a minha prática” - foi mais ou menos assim que ela, a professora Hélia Alice dos Santos, 2019, falou sobre seu começo na educação. Foram 4 dias intensos de experimentação, aprendizagem e sentimentos. No dia primeiro foi o contato com a intimidade de uma rotina que foi se desenrolando na amorosidade, cuidados e restrições alimentares na busca e manutenção da saúde. Um passeio noturno na Praia de Baixo e na Praia de Cima na companhia de quem compartilha os cuidados da casa e da família - pessoa linda que me acompanhou aos boas noites dos bois (desenvolvi essa intimidade com a Tata).



Acompanhando com atenção, nos mínimos detalhes, da recepção da delegação do Paraná e região. Soube também da presença do diretor do Instituto Federal do Rio Grande do Norte, além do Valentim, da Francele, da Luci, do Ricardo, Moisés e de tantas pessoas que pude conviver a partir do dia dois.

No dia dois, sai da cama um pouco mais tarde do que dos próximos dias. Fomos dormir tarde, era um hábito. Dormir era perda de tempo.

Fomos ao PRO-CREP (Projeto -Criar, Reciclar, Educar e Preservar). Chegamos junto com a delegação do Paraná. Vimos o brechó, na fachada havia mosaicos, depois eles estavam espalhados em toda o Bairro da Pinheira. Digo depois por que a sensibilidade começou a ser aguçada.

Vimos o bio-diesel, a casa de costura, o galpão da reciclagem, o cacareco. O espaço ficou pequeno. “Não pára de crescer”, foi um dos comentários que me chamou atenção porque tudo que todos comungam e melhora a vida da comunidade, expande como a nossa consciência (isto é um comentário de meditadores ativos). É interessante quando algo que foge da “normalidade” tende a ampliar e expandir. O Universo, as galáxias (professor Valdo, ANE, 2019).

Aqueles ligados diretamente a PRO-CREP, filhos, parentes, comunidade PRO-CREP falaram de si, das suas transformações, seus agradecimentos e satisfação do trabalho, das amizades e das parcerias. Muitas parcerias...

O Caminho do Peregrino é um deles. Pessoas ligadas ao turismo, à prefeitura e ao comércio da região também estavam presentes. Uma festa e ao mesmo tempo a busca de novas parcerias. Inacreditável promover um cenário que está em andamento para uma gestão que não conhece a própria cidade, enfim...

No dia três foi o encontro com Vilmar Godinho, guardião do Vale da Utopia, que vive na caverna e ressignificou sua existência revisitando nossas origens ancestrais. Fizemos um caminho permeado pela natureza e a beleza das praias, do encantamento com o nascer do Sol e a Caminhada pela Paz traduzida no estandarte do Movimento Sol da Paz (um tecido feito com retalhos e

costurado por diversas mãos dos artesãos de Heliópolis, confeccionado para esta finalidade) carregado um pouco por cada um dos presentes. No silêncio de Vilmar Godinho encontramos os nossos silêncios e os nossos barulhos. Somos voz ou eco? Temos fala ou reproduzimos e repetimos a significação que nos foi internalizada?

Outro encontro (vários encontros vividos e compartilhados) foi com os pescadores da região. Cantamos, sorrimos, ouvi mais do que falei, senti mais do que pensei.

No Caminho do Peregrino, instituição que cuida, acolhe e trata de pessoas viciadas em entorpecentes e álcool. Esta instituição encaminha pessoas em recuperação para o PRO-CREP a fim de desenvolver-se e acreditar na vida. Assim findamos as visitas e ficamos a sós com as nossas reflexões sobre o que queremos, para onde vamos, quem somos.

No quarto dia, o conhecimento e sua busca são incessantes. Ir e voltar, colocar os pés no chão de cada realidade, a cabeça rodava e o coração palpitava de esperança.

#### 4.0 A implantação da tutoria na Emef Presidente Campos Salles, caminhos e percepções que impulsionam a mudança

Todo espaço do CEU Heliópolis tem sido palco de grandes transformações sociais, mas é um contínuo de luta e estamos juntos com a comunidade na defesa dos direitos das pessoas. A implantação da tutoria também será uma luta, pode ser uma forma de ação que atinja alguns estudantes e outros não. Temos esta consciência porque cada estudante é um e a equidade precisa ser garantida. As propostas sobre os objetivos sustentáveis propostos pela ONU até 2030, foram percebidas em diferentes ações da ANE por todas as ações desenvolvidas e registradas nos diferentes grupos formados e compartilhados por WhatsApp.

A sociedade está em constante transformação e a Educação que é um direito, previsto na constituição brasileira, 1988, para garantir que o sujeito se constitua de forma reflexiva, crítica e criativa, atue na comunidade

transformando-a a fim de que, além da educação, todos os direitos: igualdade, moradia, saúde, segurança, transporte, lazer, cultura, respeito, liberdade, façam parte de sua vida e de todos os seres humanos.

Nesta perspectiva, os princípios da escola e do bairro educador: autonomia, responsabilidade, solidariedade, tudo passa pela educação e a escola como centro de liderança conduzem o trabalho pedagógico da comunidade onde a escola está inserida, é parte integrante, atuante e reflexivamente contínua do Projeto Político Pedagógico da escola. Desta forma, as atividades pedagógicas desenvolvidas na escola acontecem de forma coletiva, professores, equipe gestora, estudantes e funcionários discutem democraticamente cada uma das ações.

Uma das ações que foram intensivamente discutidas em 2018 foi o registro sistemático das avaliações. Pensamos que, embora não tenhamos como prática a execução de provas como ocorre na maioria das escolas do Brasil, fazer registro da aprendizagem dos estudantes, para além daqueles que fazemos nos roteiros de estudos, e nas reuniões de conselho de classe, é um ato pedagógico que demonstra o “caminhar da aprendizagem” de cada estudante, servindo também para que ele possa perceber-se no processo de aquisição do conhecimento.

Toda esta discussão nos conduziu a questionar as nossas próprias práticas, uma problemática levantada pela equipe foi a avaliação das nossas ações enquanto orientadores de estudos.

Os professores fazem o levantamento dos temas que os estudantes de cada salão desejam conhecer no decorrer do ano letivo, organizam estes temas em roteiros de estudos, fazendo adequações, quando possível, de forma interdisciplinar e em conformidade com o Currículo da Cidade, 2017, estabelecidos pela SME (Secretaria Municipal de Educação).

Os roteiros de estudos são realizados coletivamente entre a equipe de estudantes (quatro estudantes por equipe) juntamente com os professores orientadores de estudos de cada salão. Percebeu-se que os estudantes, no

decorrer das atividades, perdem o interesse pelos temas, alguns ficam desconcentrados e desconcentram os colegas, apresentam outros interesses e envolvimento com outras atividades que não aquelas dispostas nos roteiros.

Os roteiros acabaram virando “cartilhas” ou “livros didáticos” com atividades sequenciadas que, embora levassem os estudantes a autonomia em desenvolver as atividades em equipe, eram desenvolvidas sem a perspectiva da significação e contextualização da vida em comunidade.

Edgar Morin (2002) destaca, que “um dos saberes necessários à educação do futuro” é ensinar a “condição humana” envolvendo aí toda a sua complexidade. Entendemos que o Bairro Educador está fundado justamente em ações democráticas. Democracia não é a ditadura da maioria, as mudanças nas bases pedagógicas é uma construção coletiva e um processo de adequações às necessidades dos nossos estudantes. Sendo democrática, a Educação é um ato complexo no que se refere às demandas e a grande diversidade atendida nas redes públicas, as ações de mudança devem atender esta complexidade.

#### 4.1 Meu Trabalho na Emef Presidente Campos Salles em 2019 PAP- Professora de Apoio Pedagógico

Este ano de 2019, na Campos Salles, estou na função de Professora de Apoio Pedagógico (PAP). Numa das formações do PAP, a secretaria da Educação da Cidade de São Paulo, na DRE (Diretoria Regional de Ensino) realiza mensalmente reuniões com os professores com a tentativa de compartilhar e “uniformizar” boas práticas, fui abordada pela formadora:

- O que é ser PAP na Campos Salles? Onde você fica, se tem salões? Qual o trabalho que você faz? Eu gostaria muito de saber. Fui abordada assim na hora do café. Então, resgatei algumas falas de professores, disse que após 30 anos de magistério finalmente encontrei uma educação diferente e que eu acredito na inovação.

- Ser PAP na Campos Salles é romper com este discurso de “meu aluno, minha sala, meu armário, minha matéria, etc.” Em primeiro lugar, eu não tenho

sala. Utilizo a sala de reuniões ou um dos salões. Em segundo lugar, eu tive que romper com a estrutura dos roteiros, que é o que eles fazem nos salões. Em terceiro, preciso seguir o PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola e os 5 princípios: autonomia, solidariedade, responsabilidade, tudo passa pela educação e a escola como centro de liderança. Tenho dois projetos que se complementam: maquete de uma cidade (construindo território) e os (as) bonecos (as) de pano (bonecando).

A maquete está em construção por diversas mãos, cada turma, no seu horário, contribui com um aspecto. Estamos na produção textual- iniciamos com a escrita de lista: os meios de transporte e os meios de comunicação. Acrescentamos transportes na cidade (aéreo, terrestre, marítimo e fluvial) usando dobraduras, percebendo as formas geométricas, fizemos algumas situações problemas, planificação da cidade para estudarmos localização espacial... Com os meios de comunicação, estamos elaborando: placas de trânsito, anúncios, reportagens, outdoor, tirinhas... percebendo as estruturas textuais e suas funções sociais.

Os (as) bonecos (as): (este projeto me conduziu a um curso de três dias - Tatadrama, esta é uma das histórias incríveis que acontece na minha trajetória de busca do conhecimento, fui convidada pela criadora deste método Tatadrama e acabei virando tatadramista). Este projeto desenvolvido na escola com os estudantes, “Também é matemática.” foi a fala de uma das formadoras da DRE, uma pré-ocupação formativa: tiramos as medidas para fazer os moldes das roupas, costuramos cada parte do corpo: cabeça, tronco e membros. Eu me pergunto, em que eu posso contribuir, nestes encontros, porque muitos dos desafios da Campos Salles, estamos superando ou já foram superados. A desconstrução iniciou-se com a quebra das paredes José Pacheco diz: “escola não são paredes, escola são pessoas”. Percebi que o PAP rompe com estas apropriações de aluno, sala, armário e matéria.

“O educador se eterniza em cada ser que educa.”

Paulo Freire

## 5.0 CONCLUSÃO

Acreditamos que a inovação do processo de ensino aprendizagem para esta geração seja fazer o professor autônomo de suas práticas para que ele possa conduzir o aluno à aquisição da sua autonomia. Esta autonomia é construída no movimento entre a responsabilidade e a solidariedade. Sobre este aspecto, aponta-se a sincronia de uma nova escola, educadores sujeitos do seu fazer, alunos responsáveis pela sua aprendizagem e solidários com a aprendizagem de todos. O caminho para efetivação da função social da escola é a elaboração de projetos em parcerias e apropriado por todos aqueles que executarão o projeto na escola e na comunidade. Na interdisciplinaridade o trabalho coletivo, partilhado em conjunto tem início com a elaboração de um único projeto, conforme aponta Japiassu, 1976. Ser especialista em uma determinada disciplina não descaracteriza o trabalho coletivo, cada um colabora com o seu saber, seus conhecimentos prévios, sua história de vida, acrescenta na educação escolar uma especificidade que, na troca dos saberes acontece a transformação que vai além dos muros e paredes escolares, ela reverbera para toda a comunidade transformando os sujeitos em pessoas atuantes, cidadãos do bem comum.

Minha contribuição na escola, minha inovação foi trazer a meditação como necessidade do silêncio na vida social para poder ouvir-nos a nós mesmos. É sim uma participação tímida e contida em mim, ainda. Desejo ampliar o momento de meditação neste novo ano de 2020. E atuar mais como aneana, isto é, manter contato com o grupo, percorrer novos caminhos e as inter(s): interexperiencial, intercultural, interdisciplinaridade, interinstitucional, intergeracional, interterritorial, pois, a ANE (Alternativas para uma Nova Educação) proporciona a visão destes movimentos e dos avanços na educação.

Desde que iniciamos as práticas da ANE, compartilhamos ações inovadoras em diversas partes do Brasil. As vivências proporcionadas nos levam a refletir os espaços que ocupamos na escola, na comunidade, na sociedade e no país, estas reflexões nos conduz ao sentido de pertencimento. Pertencer é

atuar, é conhecer e transformar. A transformação está relacionada diretamente a vários aspectos: os direitos dos estudantes e suas famílias, a qualidade da educação, a estrutura e infraestruturas das escolas, as políticas públicas, a formação dos profissionais, a valorização profissional, enfim, as condições de trabalho e o atendimento às demandas.

Uma trajetória de criação, mudanças e inovação educacional numa escola sem muros: autonomia, responsabilidade e solidariedade - O caminho da tutoria é um recorte da transformação educacional que está em processo de construção. Nesta construção, participam diversos autores da Escola Municipal Presidente Campos Salles. Professores, gestão, comunidade e funcionários aprendem e desaprendem, constroem e desconstroem paradigmas. Rompem as barreiras internas de conceitos predeterminados e, na revisão e reflexão de suas ações, surgem novos conceitos, novos sentimentos e novas metodologias porque há uma visão de unidade na multiplicidade, (Morin, 2002 p.55). Braz Rodrigues Nogueira traz este movimento da escola quando diz que:

“As paredes que queremos tirar são outras, que estão nas nossas cabeças, invisíveis e que são muito mais difíceis de quebrar. Que paredes queremos quebrar? As que separam o professor do aluno, o homem da mulher, as classes sociais, o gay do heterossexual, todas as paredes”. Nogueira, 2013

José Pacheco, 2016, parafraseando Paulo Freire, acrescenta que “escola não são prédios e paredes, escola são pessoas”, são saberes compartilhados, é espaço que possibilita a mudança social. Nesta perspectiva, os direitos das pessoas, previstos nas legislações brasileira, direito à vida, à liberdade, igualdade, segurança, educação de qualidade, expressão livre de pensamento, e outros do artigo 5º da Constituição Federal, 1988 são debatidos, revistos e analisados em movimentos e articulações que ocorrem frequentemente nos equipamentos do CEU Heliópolis Arlete Persoli e nas Associações, Centros e Entidades de todo o Bairro Educador Heliópolis.

Senna, Moraes, Rosa e Fernandes (2017, p. 220) destacam que “em um mundo cada vez mais globalizado, fica clara a necessidade de preparar os estudantes para os desafios que eles encontrarão”, acrescentam que o professor não é dono do saber e os estudantes não são ouvintes, que prepará-los para

fazer provas não considera a sua autonomia em aprender, onde o conceito de liberdade é limitado. Incluir os dispositivos pedagógicos que pretendem a mudança, expostos neste trabalho, não retrata os pormenores de sentimentos, pensamentos e ações. A escola é aberta e acolhe todos que querem conhecer, que desejam ampliar as metodologias a fim de construir uma sociedade humana igualitária em seus direitos, capazes de ensinar a cidadania terrestre, e a humanidade como destino planetário, Morin (2002 p. 113).

Entendemos, na EMEF Presidente Campos Salles, que já enfrentou a quebra dos muros, das paredes físicas, a construção da Cultura da Paz, a formação do Bairro Educador, está em um constante processo de transformação. Em luta para a melhoria da qualidade na educação.

É difícil escrever este texto... estamos em luta, servidores públicos da prefeitura de São Paulo, perdendo direitos, assistindo o desmonte da educação pública e de todo setor dos serviços públicos sendo corroído pela corrupção e pela privatização. Não sei se terminarei esta pesquisa, na verdade é a implementação de um novo trabalho pedagógico que foi construído pela equipe de professores e gestão da escola para 2019.

A construção desta nova pedagogia, nova para a escola, é a implementação da tutoria e teve início com várias visitas a diferentes escolas buscando uma maneira de transpor a prática dos roteiros de estudos. Iniciamos por fazer algumas mudanças na prática dos docentes, inclusive para os professores especialistas, (são aqueles que trabalham outras áreas do conhecimento: informática, inglês, leitura, educação física), dividir os estudantes em grupos de quinze por professor e a partir dos objetivos previstos no Currículo da Cidade, 2017. Iniciaríamos estudos mais contextualizados e significativos. Cada estudante teria seus estudos nas diferentes áreas, unificando os objetivos da área do conhecimento com uma prática de ação na comunidade, (lembrando as ODS Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável – ONU) com os colegas para ampliar seus estudos e também aprimoramento do saber para constituição dos seus direitos de aprendizagem, 2015.



O professor tutor se constitui tutor na medida em que com o aluno tutorado, estabeleça uma relação que viabilize a troca de informação, a empatia, o cuidado com a relação, transformando-os em conhecimento – “de nada serve o conhecimento se não servir primeiro para o autoconhecimento e a felicidade”

Como isso pode ser possível? Não temos a resposta, sabemos o que não funciona mais. Sabemos que somos capazes de mudar, o novo causa certa estranheza, e tudo vai depender da prática e principalmente da troca de experiências. Estamos animados por conseguir chegar neste estágio de transformação e o dia a dia trará os resultados. Esperança do verbo esperar, como dizia Paulo Freire, é procurar novos caminhos, e o caminho se faz caminhando.

## REFERÊNCIAS

- Alves R. (2001). **A escola que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir** (p. 5). Campinas, SP: Papirus.
- Ceu Heliópolis Arlete Persoli (2015). **Secretaria Municipal de Educação - Informações Gerais**. Recuperado de <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Noticia/Visualizar/PortalSMESP/CEU-Heliopolis--Informacoes-Gerais>
- Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Atualizada até a EC n. 96/2017. Supremo Tribunal Federal. Brasília. Recuperado de <http://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoConstituicao/anexo/CF.pdf>
- Currículo Digital da Cidade de São Paulo (2017). Recuperado de: <https://curriculo.sme.prefeitura.sp.gov.br/>
- Decreto n. 54.452, de 10 de outubro de 2013. Institui, na Secretaria Municipal de Educação, o Programa de Reorganização Curricular e Administrativa, Ampliação e Fortalecimento da Rede Municipal de Ensino – Mais Educação São Paulo. Recuperado de [http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios\\_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=11102013D%20544520000](http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=11102013D%20544520000)
- Delors, J. (2010) **Educação: um tesouro a descobrir**. Os quatro pilares da educação. p. 31. Recuperado de: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000109590_por)
- Diretoria de Orientação Técnico-Pedagógica - Dot (2015). **Diálogos interdisciplinares a caminho da autoria. Elementos conceituais e metodológicos para a construção dos direitos de aprendizagem do**

- ciclo Interdisciplinar.** Secretaria Municipal de Educação. Recuperado de <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/16552.pdf>
- Emef Pres. Campos Salles. Escola sem muros no Bairro Educador. (2008). **Os Princípios do Projeto da Escola Municipal Presidente Campos Salles.** Recuperado de <https://campossalles.wordpress.com/historico-da-escola/>
- Freire, P. (1987). **Pedagogia do oprimido.** 17<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freitas, L. C. (2016). **A importância da avaliação: em defesa de uma responsabilização participativa.** Recuperado de <http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2602>
- Japiassu, H. (1976). **Interdisciplinaridade e Patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago.
- Lazar S. PhD (2011). **How Meditation Can Reshape Our Brains: Sara Lazar at TEDxCambridge.** Massachusetts. [Video file]. Recoverd from <https://www.youtube.com/watch?v=m8rRzTtP7Tc>
- Lei n. 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece a lei de diretrizes e bases da educação. Presidência da República Casa Civil.** [Texto compilado \(Vide Decreto nº 3.860, de 2001\) \(Vide Lei nº 10.870, de 2004\) \(Vide Adin 3324-7, de 2005\) \(Vide Lei nº 12.061, de 2009\).](#) Recuperado de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)
- Moran, J. (2007). **A Educação que desejamos: Novos Desafios e como chegar lá.** 5a ed. (pp 39-72). Campinas. SP. Papyrus.
- Moran, J. (2015). **Educação Híbrida. Um conceito-chave para a educação hoje.** (p. 42) [pp. 33-35]. Em Bacich, L., tanzi Neto, A. E Trevisani, F. M. (orgs). Ensino Híbrido - Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre. Penso.
- Morin, E. (2002). **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** Trad. F. da Silva C. E. & Sawaya, J. 5a ed. São Paulo: Cortez, (p. 85). Brasília DF: Unesco.
- Nogueira, B. R. & Mazon, R. U. (2005). **Implementação de uma metodologia de ensino com base nos princípios da escola da ponte, Dissertação de especialização** - Iatu sensu em Educação Comunitária, Universidade Anhembí Morumbi, São Paulo, SP, Brasil.
- Nogueira, B. (2013) at TEDx Ribeirão **Derrubando Muros** – Tearing Down Walls. [Arquivo de vídeo]. Ribeirão Preto. São Paulo. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=xkdtqeSX6VU>
- Nogueira, B. (2017) **Precisamos reconhecer a competência das nossas crianças.** at TEDxSaoPaulo. Recuperado de: <https://www.youtube.com/watch?v=EODkC0J9j0c>

- Pacheco, J. (2011). **Escola da Ponte - Formação e transformação da educação**. Vozes.
- Pacheco J. (2012). **Experiências inovadoras na educação**: José Pacheco at TEDxUnisinos. Porto Alegre. RS. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=reOEnY8jkjo>
- Pacheco, J. (2015). Namu Portal: Para o professor português José Pacheco: aulas não ensina prova não avalia. Recuperado de <http://www.namu.com.br/search/busca/pacheco>
- Pacheco, J., Pacheco, F. **Escola da Ponte Uma Escola Pública em debate**, 2015. Cortez. Recuperado de [https://www.urantiagaia.org/educacional/escola/escola\\_ponte\\_olhares2\\_livro.pdf](https://www.urantiagaia.org/educacional/escola/escola_ponte_olhares2_livro.pdf)
- Pacheco J. (2016). Agência Brasil - EBC. Torkania M. A escola não é um edifício, são pessoas, diz idealizador da Escola da Ponte. Brasília. Recuperado de <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-04/escola-nao-e-um-edificio-sao-pessoas-diz-idealizador-da-escola-da-ponte>
- Parâmetros Curriculares Nacionais. **Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais** (1997). Brasília. (Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>).
- Revista Interdisciplinaridade. Volume 1, nº 1 out. 2011. Fazenda, I. (2011) **Desafios e perspectivas do trabalho interdisciplinar no ensino fundamental: contribuições da pesquisa sobre interdisciplinaridade no Brasil: o reconhecimento de um percurso**. Recuperado de <http://pt.slideshare.net/AC2550/interdisciplinaridade-36954274>.
- Parâmetros Curriculares Nacionais (1997). Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> Brasília.
- Portaria 6771/13, de 13 de dezembro de 2013. Dispõe sobre a organização das Unidades e dos Centros Educacionais. Secretaria Municipal de Educação. Recuperado de [http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios\\_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=14122013P%20067712013SME](http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=14122013P%20067712013SME)
- Porvir (2013). **Aprendizado focado na necessidade de cada um dos alunos, de acordo com a forma e o ritmo com que pretendem aprender**. Recuperado de <http://porvir.org/personalizacao-3/>
- Reale, G. Antiseri, D. (2007). **História da Filosofia 1 Filosofia pagã antiga**. Trad. Ivo Storniolo. 3ª ed. São Paulo. Paulus. Título original Storia della filosofia – volume I: filosofia antico-pagana. Editrice La scuola. (1997) Brescia, Itália.

Schneider, F. (2015). **Otimização do espaço escolar por meio do modelo de ensino Híbrido**. Em Bacich, L., tanzi Neto, A. E Trevisani, F. M. Ensino Híbrido Personalização e tecnologia na educação. Porto Alegre. Penso

Secretaria Municipal de Educação (SME, 2016). **Direitos de Aprendizagem dos Ciclos Interdisciplinar e Autoral**. Recuperado de <http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/32161.pdf>

Senna, C. M. P. C., Morais, S.P., Rosa, D. Z. e Fernandes, A. A. (2017). **Metodologias Ativas de Aprendizagem: Elaboração de roteiros de estudos em “salas sem paredes”**. Em Moran, J. e Bacich L. (orgs.). Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora. Uma abordagem teórico-prática. São Paulo. Penso.

Viscaino, V. M. (2016). **A interdisciplinaridade na escola pública: o caminho para concretizar a função social da escola: criação de uma comunidade educadora**. Anais do Congresso Problem Based Learning International Conference. São Paulo. Brasil. Recuperado de <http://www.panpbl.org/site/evento/?lang=pt-6100796>

Viscaino, V. M. (2018). **Escola sem muros, uma educação inovadora sustentada pela cultura da paz**. Anais do Congresso Problem Based Learning International Conference. Santa Clara. Califórnia E.U.A. Recuperado de: <http://pbl2018.panpbl.org/call-for-proposals/?lang=pt-br#proceedings> - 058